



ESTADO DE SERGIPE
PROCURADORIA GERAL DE JUSTIÇA
COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO
RECORTE DE JORNAIS

CORREIO DE SERGIPE
edição: CORREIO URBANO A7 GERAL
18/2012

Uma rede de saúde próxima do colapso, pessoas sendo amontoadas no maior hospital público de Sergipe, enquanto outras unidades no interior do Estado continuam subutilizadas. Pacientes que em Sergipe se tornaram impacientes e que ao reivindicar um atendimento digno acabam agredindo verbalmente ou fisicamente aqueles que estão mais vulneráveis e que não têm culpa pelo caos em que a saúde se encontra: os médicos e enfermeiros.

Só que não é só a fúria de populares que esses profissionais enfrentam no seu dia a dia, mas também a sobrecarga de trabalho devido ao déficit de profissionais, a constante falta de materiais simples como medicamento, gases e películas para exames de raios X. São questões antigas, que deveriam ser sanadas urgentemente. Mas, apesar de vários Termos de Ajustamento de Conduta (TAC), firmados entre as Fundações de Saúde e a Secretaria com o Ministério Público Estadual (MPE), depois de dezenas de Ações Cíveis serem movidas contra esses órgãos, não houve nenhuma melhora significativa.

A afirmação acima é corroborada e enfatizada pelos diversos sindicatos que compõem a Rede pública de saúde. É como se tudo que foi discutido no MPE, tudo que foi imposto pela Justiça fosse ignorado pelo atual governo do Estado. Sobre a inércia do governo durante todo esse tempo de luta dos trabalhadores desta área por melhorias, tanto para eles como também para a própria população, a vice-presidente do Sindicato dos Enfermeiros do Estado de Sergipe (Seese), Diana Luna, concedeu uma entrevista ao Jornal Correio de Sergipe (CS) na qual ela expôs

que nada é realmente feito para melhorar essa situação.

“Não houve avanço nenhum nas nossas condições de trabalho. Estamos trabalhando com um déficit de profissionais. A todo o momento nós falamos da superlotação da Maternidade Nossa Senhora de Lourdes e do Hospital Governador João Alves Filho (HGJAF), que continua sem solução. Foi pactuado no Ministério Público Estadual que deveria ter a convocação de profissionais enfermeiros, e até o momento não tivemos nenhum retorno quanto a isso, nós continuamos recebendo denúncias dos profissionais relacionadas à sobrecarga de trabalho, e ao quantitativo deficiente de profissionais”, disse a sindicalista.

Ela expôs que outra coisa que

prejudica o trabalho do enfermeiro é a constante falta de materiais e medicamentos básicos em qualquer unidade de saúde, que muitas vezes acabam e não são repostos de imediato. “São materiais básicos de uso rotineiro nos atendimentos, como: gases, películas para fazer raio X. Há também a constante falta de medicamentos. É um problema crônico de abastecimento e reabastecimento desses materiais”, salientou Diana.

Há também as escalas não preenchidas nos hospitais. Diana Luna revelou que em muitos hospitais do interior não existe ortopedista, e em alguns não há nem clínico geral. “São várias as escalas funcionando sem médico. Faltam ortopedistas e clínicos gerais. Já recebemos denúncias de vários